

## **GOLDGRUB RESPONDE CARTA DE ERWIN THEODOR**

O professor e ensaísta Erwin Theodor, através de uma carta publicada na página 2 deste Jornal, na seção "Dos Leitores" do último dia 11, contesta o artigo do psicanalista Franklin Goldgrub ("Andarilho Enigmático em Busca da Luz Exata", sobre a biografia de Nietzsche, escrita por Daniel Halévy), que foi publicado nas páginas de "Leitura" do Caderno 2, no dia 3 deste mês. Abaixo, reproduzimos a carta de Theodor e publicamos a resposta de Goldgrub.

**“O Caderno 2 de 3 de agosto publicou página sobre Nietzsche e aos estudos a ele consagrados por Daniel Halévy. O livro "Nietzsche, uma Biografia" é, em verdade, uma edição revista e modificada do anterior A Vida de Frederico Nietzsche, de 1909, muito bem traduzido entre nós pelo escritor e tradutor Jerônimo Monteiro (Editora Assunção, São Paulo 1947), trabalho que não merecia ser omitido no artigo de Franklin Goldgrub. Evidentemente não é o livro ora publicado uma obra atual, apesar do exposto no artigo, já que Halévy, desaparecendo aos 89 anos em 1962, não pôde integrar, no volume revisto, os dados apurados pela pesquisa moderna, que modificaram substancialmente a interpretação (cj. a edição comentada de Schlechta, editada em 1956 e, principalmente, a monumental edição crítica, realizada por Giogio Colli e Mazzino Montinari, publicada a partir de 1967 pela editora de Gruyter, de Berlim, tendo sido concluída há poucos anos apenas). Engana-se o articulista quando afirma que Nietzsche morreu em Turim, em janeiro de 1889. Nessa data se patenteia a perturbação mental já anteriormente pressentida, mas ele veio a falecer em Weirnar, em 25 de agosto de 1900.”**

No dia 11 de agosto a Seção dos Leitores publicou uma carta do Sr. Erwin Theodor com algumas observações críticas a respeito da minha resenha do livro **Nietzsche: Uma biografia**. Com relação aos pontos levantados, gostaria de esclarecer que:

1) Na referida resenha, consta efetivamente uma menção ao trabalho anterior de Halévy: "**Halévy**... registra, já em 1909, o impacto dessa existência trágica", dado reiterado no Perfil: "Em 1909 ele (Halévy) escreveu um primeiro estudo sobre o filósofo (Uma Vida)...";

2) em nenhum momento apresento a biografia em questão como especialmente atual; após mencionar a data da anterior (1909), acrescento: "**Cinqüenta anos depois**, ao revisar o original com vistas ao preparo de uma nova edição...; justifica(-se) um novo livro";

3) infelizmente, não era de meu conhecimento a tradução da primeira biografia por J. Monteiro e sua publicação em 1947. Agradeço a informação;

4) o sr. Theodor, colaborador freqüente do **Cultura**, não deve desconhecer a espada de Dâmocles que costuma pesar sobre o articulista em termos de espaço. No caso, a um livro de 400 páginas, rico e denso, foi oferecido o leito de Procusto de quatro laudas. Meu texto original as excedia; foi cortado — e a edição revelou extrema imperícia tanto com a tesoura como com a agulha e a linha. Admito que todos os indícios me apontam como principal suspeito do filosoficídio de Turim, mas creio dispor de um álibi perfeito para demonstrar minha inocência. Copio a seguir as duas primeiras frases texto que redigi: ("Sim, sei de onde venho/ Insaciável como a chama/ Brilho e me devoro/ Luz, tudo que toco/ Carvão, tudo que deixo"...Ecce Homo). "**Eis o homem que morreu duas vezes, como fogo e como brasa, depois de ter percorrido em estado de incandescência a longa travessia que leva das últimas ilusões da era da razão até a terra arrasada do século XX. Para responder a essa pergunta não menos insaciável - afinal de contas, quem foi Friedrich Wilhelm Nietzsche - Daniel Halévy refaz a rota desde o berço até sua primeira morte, ocorrida em Turim, janeiro de 1889**".

O verdadeiro assassino, porém, desconsiderou o apelo da pobre metáfora e disparou à queima-roupa: "Daniel Halévy refaz... a rota do filósofo, **desde o berço até sua morte**, em Turim, janeiro de 1889". Sem perceber as conseqüências de seu ato, esse adepto da eutanásia surrealista manteve o cadáver ao piano — se bem que tocando mal, conceda-se. Depois, apagou suas impressões digitais enquanto as minhas infestavam o local do crime; e nessa posição constringedora pude ser incriminado como resenhista sumamente elementar, meu caro Theodor.

(De posse dos originais que lhe serão enviados, o senhor constatará que a frase-projétil não tem o calibre da minha velha Érika, nem nada semelhante.) Não é sempre, porém, que nos condenam a ofícios tão degradantes; talvez compensatoriamente, uma semana depois fui promovido a cirurgião — transexual, é verdade — quando sob meu bisturi Ezra se transformou em Elza Pound.

5) Ouso discordar do missivista, profundo conhecedor do assunto em pauta, quando alude à possibilidade de uma interpretação definitiva ou "mais atual" de Nietzsche. Em primeiro lugar, e com referência ao livro de Halévy, porque se trata de uma biografia; ao abordar os textos do filósofo, ele menos interpreta do que os apresenta, vinculando-os a tal ou qual momento da vida do autor. Por não ser um livro teórico, não entendo em que sentido estaria "superado"; novas fontes, nesse caso, não obsoletizam o trabalho anterior, antes preenchem lacunas e contribuem com novos enfoques (cf. as biografias de Freud por Jones e Gay). Mas, mesmo se se tratasse de uma abordagem conceitual, recuso-me a crer que "os dados apurados pela pesquisa moderna" permitam encerrar o "caso" Nietzsche. A sua obra continuará a ser visitada durante muito tempo, suscitando exegeses ditadas por prismas talvez diferentes dos que têm prevalecido. Em todo caso, não vai ser fácil domesticar esse nômade a mais de um título e depositá-lo em algum escaninho estante do arquivo dedicado à história da filosofia.

6) Agradeço a atenção que o sr. Théodor dispensou à resenha em questão. É uma honra tê-lo como leitor e interlocutor.

Esperemos que a mesma atitude se desenvolva entre aqueles que deveriam cultivá-la por dever profissional.

GOLDGRUB, Franklin. Goldgrub responde à carta de Erwin. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17.ago.1989. Caderno 2, p.5